

Ruídos do Passado

Ao invés de ressaca eleitoral, o Brasil passa por instantes de nervosismo e até de desconfiança em função do atraso na apuração do pleito de 15 de novembro. Como havia um compromisso formal do TSE de realizar a apuração na velocidade compatível com a expectativa gerada pela primeira eleição presidencial depois de um jejum de 29 anos, brasileiros de todos os pontos do país começam a amargar uma frustração que não estava no calendário eleitoral.

As campanhas por sua natureza são longas e desgastantes; a apuração deveria ser o seu anticlímax. Parece incrível que é mais fácil encaminhar 82 milhões de pessoas às zonas eleitorais do que dizer como se expressou a vontade política de tanta gente. Nesta eleição, solteira, portanto mais fácil de apurar do que todas as anteriores, a população brasileira pensava resgatar cem anos de frustrações ao longo de uma república que nem sempre primou pela retidão eleitoral.

Antigamente se fraudava eleição no bico de pena. Esperava-se que a era da informatização tivesse sepultado para sempre a desconfiança de que eventuais perdedores pudessem desembocar na linha de chegada pelo atalho. Só há uma maneira de cortar pela raiz a desconfiança: é apurar com rapidez. No entanto, neste primeiro turno de eleição presidencial nunca se gastou tanto para se obter resultados tão lentos. Um sofisticado sistema de apuração em Brasília consumiu 80 milhões de cruzados novos mas contou votos com a lentidão das velhas eleições.

Basta ao eleitor ficar em casa e se postar à frente de um aparelho de televisão para saber que um canal particular se dá ao luxo de somar votos quatro vezes mais depressa do que toda a parafernália do TSE. E ainda fica no ar a impressão de que o Tribunal abriu uma "porta serial" para facilitar o trabalho de um meio de comunicação em detrimento de outros, embora sem a mesma intenção com que numa eleição não muito longínqua se criou um "diferencial delta" em detrimento de um candidato. Claro que isto não passa de uma suposição extemporânea, mas a ineficiência da apuração dá margem a qualquer tipo de suposição.

Quando o TSE prometeu a apuração rápida criou uma expectativa que se beneficiava do clima favorável criado por ele próprio ao eliminar do

pleito uma candidatura eivada de irregularidades. O ar ficou de súbito rarefeito. Pois agora o clima se toldou, com o Serpro acusando os TREs pelo atraso e os TREs devolvendo as acusações ao Serpro. É governo contra governo gastando pólvora para disfarçar a confusão desenhada sobre o mapa da incompetência. O que espera o Brasil para afinal modernizar seu sistema de apuração eleitoral?

Num outro país onde o pleito se realiza também em dois turnos, a França, dá gosto ler o calendário eleitoral. Em 34 dias tudo se resolve: desde o prazo final para apresentação das candidaturas, o início da campanha, o final da campanha do primeiro turno, o segundo turno, a derradeira votação e a definição do vencedor, no dia mesmo da votação, às 20 horas. No dia seguinte, o 34º, faz-se o anúncio oficial do resultado e a proclamação do novo presidente, já exorcizada a ressaca da campanha e ainda sob o ruído da festa da vitória.

Nos Estados Unidos, de onde o Brasil copiou o sistema eleitoral mas deixou para trás o sistema de apuração, as primeiras máquinas de votar começaram a ser usadas na eleição de 1892, em Lockport, no estado de Nova Iorque — portanto há 97 anos. Há estados que votam apertando uma alavanca, outros que usam cartão perfurado e outros ainda, mais adiantados, onde o eleitor registra seu voto diretamente num computador. Tanto as máquinas (antigo sistema mecânico) quanto os computadores são à prova de fraude. Em suma: para o sistema eleitoral americano, o uso de cédulas de papel é coisa do passado.

Portanto, o Brasil continua no passado, enredando-se nas mesmas malhas que perturbaram tantas eleições no decorrer de sua história republicana. Quando se pergunta ao presidente do TSE porque se adia a adoção do voto informatizado, a resposta é que o Brasil não dispõe de recursos. Parte-se do pressuposto de que o sistema é sofisticado e de alto custo, e que a angústia pós-eleitoral se instalou no Brasil para ficar. Que remédio?

Democracia sem recursos é uma poção difícil de engolir neste país, necessitado mais de remédios regulamentares do que de água milagrosa. A medicina é um remédio na mão dos sábios, mas é um veneno na mão dos incautos.